

Criteriabilidade e Sensacionalismo no Aqui Maranhão: Uma análise da cobertura jornalística sobre a crise carcerária em Pedrinhas¹

Brena Freitas Rodrigues²

Arleysson Rodrigo da Silva Santos³

Pedro Sobrinho⁴

Faculdade Estácio de São Luís, São Luís - MA

Resumo

A crise do sistema carcerário no Complexo Penitenciário de Pedrinhas provocou grande repercussão social e global em função dos crimes contra a dignidade do ser humano, da violência na cidade de São Luís, capital do Estado, provocando uma onda de pânico na população, desencadeando urgência de medidas efetivas no combate à violência, com interferência de instituições, imprensa, sociedade civil e até da Organização das Nações Unidas - ONU e pela Anistia Internacional. Baseado nisso, o presente trabalho tem como proposta investigar o processo de noticiabilidade e o sensacionalismo na cobertura jornalística da mídia local sobre o caso, a partir da análise do jornal Aqui Maranhão, de outubro de 2013 a janeiro de 2014, período em que ocorreram os principais acontecimentos que deram origem à crise de violência na capital e, conseqüentemente, ganharam atenção da mídia internacional.

Palavras-chave: Sensacionalismo; Noticiabilidade; Violência;

1 INTRODUÇÃO

A onda de violência ocorrida, nos últimos meses, no Complexo Penitenciário de Pedrinhas em São Luís do Maranhão provocou uma crise de segurança na cidade jamais vista pelos ludovicenses, que desencadeou uma série de conseqüências, entre as quais, vandalismo provocado por facções criminosas. A sociedade civil, instituições ligadas aos Direitos Humanos reagiram exigindo das autoridades competentes que encontrasse solução para o problema, que ganhou repercussão mundial.

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante do 7º período de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Estácio de São Luís. email: brena_rodrigues@hotmail.com

³ Estudante do 7º período de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Estácio de São Luís. email: rodrigoimparcial@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Prof. Pedro Sobrinho do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade Estácio de São Luís. email: pedrosobrinho@mirante.com

O primeiro tópico deste artigo contém um breve histórico sobre o caso, que discorre sobre a causa inicial, as facções envolvidas na rebelião, os crimes bárbaros ocorridos na penitenciária, a onda de terror que se espalhou pela cidade por conta dos ataques a ônibus e delegacias, além de uma criança morta por bandidos.

Durante o período de pesquisa para a realização deste trabalho, de outubro de 2013 a janeiro de 2014, as principais notícias dos meios de comunicação do Maranhão, do Brasil e do mundo eram voltadas para os crimes que aconteciam na penitenciária de Pedrinhas e na capital do Estado. No segundo tópico, os autores Nelson Traquina e Mauro Wolf serviram como referência para explicar o porquê do termo “onde há morte, há jornalistas” e o motivo das notícias de violência terem tanto espaço na mídia, falando sobre os critérios de noticiabilidade e identificando os valores-notícias presentes no tema deste trabalho, tais como os de relevância, notabilidade, inesperado, dentre outros.

O terceiro tópico possibilita a compreensão sobre o sensacionalismo na imprensa. De acordo com Traquina “o jornalismo também é um negócio” (2001, p.77) e o sensacionalismo vende. A partir disso, entendemos porquê a dicotomia mórbido-lucro está tão presente nos meios de comunicação da contemporaneidade. De acordo com o autor do livro *Espreme que sai sangue – Um estudo do sensacionalismo na imprensa*, Danilo Angrimani Sobrinho (1995, p.11), o que distingue o meio sensacionalista do meio informativo comum é a linguagem, que é específica e remete ao inconsciente. Desta forma, entenderemos também porque o sensacionalismo vende, através da linguagem utilizada e da forma de conteúdo do jornalismo sensacionalista. Comentaremos também sobre as consequências resultadas do gosto da população pelo sensacionalismo.

O último tópico traz informações gerais sobre a cobertura jornalística do jornal *Aqui Maranhão*, no período já citado, que acompanhou o caso e publicou 53 matérias, aos quais relataram desde as rebeliões, as guerras entre as facções criminosas, o número de mortos, até as condições sub-humanas que os presidiários vivem no Complexo Penitenciário de Pedrinhas, além da pressão que as autoridades do estado e do país sofreram para que se pronunciassem e adotassem medidas emergenciais que solucionassem o caso. Veremos também neste tópico, quais os critérios de noticiabilidade identificados nas matérias selecionadas.

Por fim, consideramos que o problema da crise de segurança na cidade gerou várias outras questões que necessitavam de atenção, como a crise carcerária no Brasil, o descaso na assistência dos presidiários, a violação dos direitos humanos, o abandono dos projetos de

construções de novos complexos penitenciários, inclusive a reforma do Complexo Penitenciário de Pedrinhas, e principalmente a falta de segurança que a sociedade sofre nos dias atuais.

Expomos os lados positivo e negativo para São Luís diante de tamanha repercussão sobre o caso, e questionamos até onde vai à disputa do bom senso da audiência dos meios de comunicação, até onde vale fazer jornalismo para vender, e esquecer a ética diante da situação das vítimas envolvidas em determinadas circunstâncias, além de refletir sobre o que o incentivo ao sensacionalismo nos meios de comunicação pode nos causar futuramente.

2 CRISE CARCERÁRIA EM PEDRINHAS: O ESTOPIM DA VIOLÊNCIA EM SÃO LUÍS

A crise da segurança, até então nunca vista pelos maranhenses, teve início no dia 1º de outubro de 2013, quando 18 presos foram transferidos para o Complexo Penitenciário de Pedrinhas. As rebeliões na penitenciária decorreram de guerras entre facções criminosas, após uma tentativa de revista da polícia nas celas, e a descoberta de um túnel para fuga de 60 presos. Tudo isso culminou em detentos decapitados, atentados contra a polícia, ônibus queimados, uma criança morta por bandidos que atearam fogo em seu corpo e uma sociedade vivendo em um misto de revolta e pânico.

As aulas em colégios e universidades foram suspensas, o expediente em empresas e repartições públicas foi reduzido e os ônibus foram recolhidos às 18h. A guerra entre as facções “Bonde dos 40” e do “Primeiro Comando do Maranhão – PCM” para saber quem comandava a cidade, estava declarada. Foi decretado estado de emergência no sistema prisional e na segurança de São Luís, fato que fez com que a atenção da mídia internacional se voltasse à cidade.

O assunto mais comentado das redes sociais foi a violência em Pedrinhas. Manifestações populares e o horror que estava sendo espalhado pressionaram pronunciamentos de autoridades e tentativas para solucionar o caso da forma mais rápida possível. Isso fez com que outras problemáticas do sistema prisional do Brasil também fossem discutidas por entidades como a Anistia Nacional e a Organização das Nações Unidas – ONU.

3 NEWSMAKING: OS VALORES-NOTÍCIA

Sendo noticiabilidade um conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra tanto à quantidade quanto o tipo de acontecimento que

serve de base para a seleção de notícias, Mauro Wolf (2003, p. 202) define valores-notícia como um componente da noticiabilidade. Os valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo processo de produção, estando presentes na seleção de notícias, e permeando os procedimentos posteriores, com uma importância diferente.

Ainda de acordo com o autor, os valores são critérios para selecionar os elementos mais importantes, auxiliando os jornalistas a elaborar a matéria ou reportagem final. Além disso, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público.

Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos. (Golding e Elliot apud Wolf: 203).

Wolf (2003, p. 207) afirma que os valores-notícia derivam de admissões implícitas ou de considerações relativas aos caracteres substantivos da notícia – o seu conteúdo; a disponibilidade do material e os critérios relativos ao produto informativo; o público; a concorrência. Tendo como primeira ordem de considerações o evento que é transformado em notícia. Já a segunda diz respeito ao conjunto de processos de produção e realização da notícia, o terceiro se refere à imagem que os jornalistas têm dos destinatários, e o último às relações entre os meios de comunicação de massa presentes no mercado de informação. No presente trabalho, limitaremos a discorrer sobre a primeira ordem.

Wolf (2003, p. 208) diz que os critérios substantivos articulam-se em dois fatores: a importância e o interesse da notícia. A importância da notícia é determinada por quatro variáveis, que pode ser pelo grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável, o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, que relaciona o valor-notícia da proximidade, a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve, e a relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação.

A respeito da noticiabilidade dada pelos meios de comunicação locais sobre a crise carcerária, a importância de tal notícia possui os quatro itens de importância citadas por Wolf. Sobre o grau de nível hierárquico, pode-se dizer que o governo estadual foi diretamente envolvido no caso, por ter sido acusado de incompetência no quesito segurança

pública. Em relação ao impacto sobre a nação e interesse nacional, Pedrinhas foi listada entre as seis piores prisões do Brasil. Por fim, sobre a quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento, relevância e significatividade, pode-se relacionar os mais de 60 presos mortos na rebelião da penitenciária, além das pessoas que sofreram algum tipo de violência na cidade, como roubos e assassinatos, por parte de membros da facção criminosa.

No que diz respeito ao interesse da notícia, Wolf (2003, p. 213) diz que isso está diretamente ligado às imagens que os jornalistas fazem do público. Afirma que interessantes são as notícias que buscam dar ao caso uma interpretação baseada no lado do “interesse humano”. Algumas categorias normalmente são usadas para identificar os acontecimentos que respondem a esse requisito de noticiabilidade, que são o de histórias de pessoas comuns e que passam a reagir em situações insólitas, ou histórias de homens públicos, observados em sua vida privada cotidiana; histórias em que há uma inversão de papéis; histórias de interesse humano; histórias de feitos excepcionais ou heróicos.

Sobre o heroísmo acima citado, temos o exemplo de uma matéria do jornal *Aqui Maranhão*, onde o destaque da edição é à notícia do homem identificado como Márcio Rony Nunes que teve 72% do corpo queimado por ter demorado a sair do ônibus incendiado para resgatar duas crianças.



Figura 1: Matéria de destaque sobre o homem que entrou no ônibus incendiado para salvar duas crianças

De acordo com o autor Nelson Traquina, (2002, p. 173) noticiabilidade é um conjunto de critérios e operações que fornecem aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é de possuir valor como notícia.

Os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou um assunto, são suscetíveis de se tornar notícia, isto é, serem julgados como transformáveis em matéria noticiável, por isso, possuindo valor notícia.

Durante a cobertura jornalística no período da pesquisa, notou-se que o jornal utilizou-se de alguns critérios de noticiabilidade ou valores-notícia, para acompanhar o caso. Os valores notícias de seleção, ou critérios substantivos, identificados nas matérias citadas foram os de morte, o qual Traquina explica (2005, p. 79), que é um dos principais valores-notícia utilizados por jornalistas, pela notoriedade que notícias com esse aspecto causam; relevância, onde é determinado que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento ter impacto sobre as pessoas ou sobre o país;

Outro valor identificado foi o da notabilidade, onde entende-se que acontecimentos visíveis ou tangíveis tem mais valor-notícia, pelo fato de a cobertura jornalística está mais voltada para acontecimentos do que para problemáticas; inesperado, que são acontecimentos que surpreendem a comunidade jornalística; e o valor-notícia conflitos e controvérsias, o qual o uso da violência representa a quebra do que é normal, a presença da violência fornece mais valor-notícia;

Já o valor-notícia com critério contextual foi o de visualidade, já que elementos visuais, no caso imagens de detentos decapitados, sangue, manifestações e etc, somados à informações, dão maior valor-notícia.

4 SENSACIONALISMO

Sobre o sensacionalismo na comunicação, o autor Danilo Angrimani Sobrinho (1995, p. 11) diz que o que distingue o meio sensacionalista do meio informativo comum é a linguagem, que é específica e remete ao inconsciente. Dentre as definições da palavra sensacionalismo, o mais condizente com o assunto abordado é o de divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de escandalizar ou emocionar. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos, etc. com o mesmo fim. Exploração do que é sensacional na literatura, na arte e etc.

De acordo com Sobrinho (1995, p. 13), o termo sensacionalista é a primeira palavra que as pessoas usam para condenar uma publicação. Seja qual for a restrição, o termo é sempre usado para quase todas as situações. Ainda de acordo com o autor (1995, p. 14), no jornalismo, a palavra sensacionalista não só é confundida com qualificativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na

apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo. Sobrinho afirma ainda que, para que o termo perca esse caráter múltiplo, há uma necessidade de melhor caracterizá-lo.

O sensacionalismo está presente em todos os meios de comunicação desde os primórdios da história da imprensa mundial. Sobre esse fato, o autor (1995, p. 19) faz uma análise do início da imprensa nos países da França e Estados Unidos, verificando que o sensacionalismo já estava presente na origem do processo comunicacional, com jornas que traziam notícias fantásticas e que “agradavam a todos”, onde predominava o exagero, a falsidade ou inverossimilhança, imprecisões e inexatidões.

Sobre o jornal sensacionalista, Sobrinho (1995, p. 56) afirma que há critérios que diferenciam-o dos outros informativos.

O jornal sensacionalista difere dos outros informativos por uma série de motivos específicos, entre os quais a valorização editorial da violência. O assassinato, o suicídio, a vingança, as situações conflitantes, as diversas formas de agressão sexual, tortura e intimidação ganham destaque e merecem ser noticiadas no jornal a sensação.

Traquina (2001, p. 191) também afirma que o sensacionalismo praticamente nasceu junto com a imprensa.

O sensacionalismo foi, quando muito, mais predominante nas publicações na Europa do século XVIII que precederam o jornal. O autor britânico Matthew Engel (1996) escreve sobre os mídia noticiosos em Inglaterra nessa altura desta forma: Assuntos carnais e pecados secretos eram o tema dos jornais populares de domingo.

4.1 POR QUE O SENSACIONALISMO VENDE?

O sensacionalismo é popular, dá ibope e traz lucro aos meios de comunicação. Se ajuda na disputa com a concorrência, ele sempre encabeçará as principais notícias divulgadas diariamente. Se está sempre presente nas informações é porque há retorno. Ainda de acordo com Traquina (2001, p.77) o jornalismo também é um negócio.

Todas as empresas jornalísticas, com a exceção das empresas públicas, enfrentam mais tarde ou mais cedo a tirania do balanço econômico final, ou seja, a comparação entre os custos e as receitas. [...] Temos aqui o problema do sensacionalismo no jornalismo, acentuado ainda mais pela lógica da concorrência. A procura do lucro poderá levar a empresa jornalística à crescente utilização de critérios econômicos, nomeadamente o recurso às técnicas de *marketing*.

A dicotomia mórbido-lucro presente nos meios de comunicação diz respeito a um dos valores-notícia mais aplicados pelos jornalistas. O mórbido vende e gera lucro aos meios de comunicação. Traquina explica (2005, p. 79), que a morte é um dos principais valores-notícia utilizados ao buscar uma pauta, pelo fato da notoriedade que notícias com esse aspecto causam.



Figura 2: Notícia da morte da menina de 6 anos que teve 98% do corpo queimado por criminosos

Traquina usa a expressão “onde há mortes, há jornalistas”, para afirmar que a morte é um valor-notícia fundamental no âmbito jornalístico, o que explica o negativismo que é apresentado diariamente nos meios de comunicação. Por outro lado, parte da sociedade fascinada por tal conteúdo, quando não divulga o macabro, inventa-o. O autor Danilo Angrimani Sobrinho (1995, p. 15) também compartilha do pensamento de Traquina, quando afirma a prática sensacionalista como o grau mais radical da mercantilização.

Tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. Esta está carregada de apelos às carências psíquicas das pessoas e explora-as de forma sádica, caluniadora e ridicularizadora. (...) O jornalismo sensacionalista extrai do fato, da notícia, a sua carga emotiva e apelativa e a enaltece.

4.2 O GOSTO PELO SENSACIONALISMO

A disseminação na mídia digital e local sobre a “carnificina” que ocorria em São Luís durou várias semanas. Foi divulgado pelas redes sociais, *bloggers* e jornais locais, desde boatos de arrastões e assaltos pela cidade, vídeos de detentos sendo decapitados e até

imagens da menina Ana Clara Santos Sousa, sendo queimada. As mídias digitais também auxiliaram na organização de várias manifestações populares pela cidade.

Sobrinho (1995, p. 16) afirma que a imprensa sensacionalista serve mais para desviar o público de sua realidade imediata do que voltar-se para ela. Fato que visivelmente também acontece com a população, quando boatos são criados diante da repercussão de determinado caso. Do ponto de vista jornalístico, o autor diz que a linguagem do sensacionalismo é casual e clara, porque envolve o leitor/telespectador/ouvinte e por isso, tal linguagem não poderia ser sofisticada, nem elegante.

A linguagem deve ser coloquial exagerada, com emprego excessivo de gírias e palavrões. (...) A linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem proteção, nem neutralidade. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto, uma linguagem editorial clichê.

Além disso, quando Sobrinho (1995, p. 54) diz que a morte interessa à todos, igualmente, independente do nível cultural ou econômico de cada pessoa, entende-se que grande parte da população tem a morte como objeto de fascínio. Assim, Angrimani define que todos querem ser informados, independente da intelectualidade ou classe social. O interesse do leitor pela notícia inclusive de casos de morte, no informativo comum, é o mesmo do leitor que gosta do sensacionalismo. O que muda é apenas a forma de noticiar, ou seja, a linguagem.

A diferença de um público para o outro se admite como divisão de mercado. Mas ambos fazem parte da mesma camada de verniz cultural que é rompida todas as manhãs na leitura do jornal diário, quando se é informado dos crimes em série de um canibal, estupros, incestos, crimes passionais...

Sobrinho (1995, p. 54) diz que tanto o leitor do jornal sóbrio quanto o que prefere o sensacionalismo, se interessa pelo crime. O que faz com que o mercado se divida e haja um público exclusivo para o sensacionalismo, é a linguagem.

A linguagem editorial, que é a forma de se destacar uma foto, tornar o texto mais atraente, enfim, a busca de um equilíbrio entre ilustração e texto, além da preferência por matérias originadas de fait divers, em detrimento de temas político-econômico-internacionais que servem como estímulo predominante no jornal informativo comum.

A partir disto, entende-se que a sociedade contemporânea se sente familiarizada com o sensacionalismo, pois os fatos tornados sensacionalistas pelos meios de comunicação tornam-se quase que “normais” no seu dia-a-dia. Pela linguagem do sensacionalismo ser popular, as pessoas não sentem o tamanho da violência que se apresenta e assim se deixam levar pela curiosidade corriqueira, tornando essa relação de tragédia X consumo, um ciclo vicioso.

A disputa sobre quem continha maiores informações e provas sobre o caso, gerando assim mais audiência e divulgação tanto para os meios de comunicação quanto para internautas, fez com que os fatos tivessem repercussão mundial. O sensacionalismo alimentava os meios de comunicação e era alimentado pela sociedade.

5 A COBERTURA JORNALÍSTICA DO JORNAL AQUI MARANHÃO

Sobre a cobertura das capas do jornal Aqui Maranhão, fizemos uma breve análise da cobertura jornalística do jornal, referente às publicações de matérias sobre a crise no sistema carcerário de Pedrinhas e da segurança no Maranhão, durante o período de Outubro de 2013 a Janeiro de 2014. Foram 53 matérias publicadas de capa do jornal Aqui Maranhão, que relataram desde as rebeliões, as guerras entre as facções criminosas, o número de mortos, até as condições sub-humanas que os presidiários vivem em Pedrinhas, além da pressão que as autoridades do estado e do país sofreram para que se pronunciassem e adotassem medidas emergenciais que solucionassem o caso, entre elas, as capas e chamadas das matérias bem sensacionalistas.

Em outubro de 2013, foram publicadas treze matérias, a manchete do jornal que saiu no dia 9 de outubro, por exemplo, mostra que a polícia prendeu 39 pessoas entre homens e mulheres, quando faziam uma festa com direito a churrasco, e na comemoração, festejavam o aniversário de um dos líderes da facção criminosa “Bonde dos 40”, e com a prisão e encaminhamento a Pedrinhas, no dia seguinte, podia ser visto na manchete do jornal Aqui Maranhão sobre a “bomba que estourou” em pedrinhas, por ter misturado as facções criminosas em só lugar.

Uma das matérias que mais repercutiu na imprensa geral, foi a do dia 11, que relata a causa principal da rebelião que iniciou toda a crise na segurança do estado, e o número de mortos e feridos em Pedrinhas. A polícia de choque afirmou que, a guerra iniciou com a descoberta de um túnel que estava sendo escavado por 60 presos. O confronto entre

detentos e policiais foi aproveitado por membros de gangues rivais para um acerto de contas. Foram 13 mortos e 30 feridos. Sete ônibus foram incendiados em São Luís após a rebelião.



Figura 3: Na manchete o jornal apresenta a sociedade os suspeitos de terem ateadado fogo nos ônibus

Outra matéria que teve grande repercussão foi divulgada no dia, 11, que destacou a investigação da polícia sobre os boatos espalhados por São Luís através das redes sociais, após o primeiro dia de rebelião, que causou pânico na cidade. A falsa informação de que estava acontecendo ataques e arrastões em sinal de vingança por parte dos detentos na capital, fez com que todo o comércio do centro da cidade fosse fechado. O secretário de segurança, Aluísio Mendes, na época, prometeu punir os envolvidos nos boatos.



Figura 4: Machete sobre o terror que as facções criminosas colocam na cidade

As capas mostram o puro sensacionalismo, mostrando o verdadeiro estrago que as facções criminosas fizeram na cidade, os detentos feridos no chão, sangue espalhado pelos corredores. Já em dezembro de 2013, o jornal Aqui Maranhão contou com uma matéria que

destacou o conteúdo de um relatório feito por um juiz do distrito, que continham detalhes de casos como relações sexuais de detentos a espaço aberto, cenas de tortura, e um saldo de 59 mortes, incluindo a decapitação de três presos. O juiz afirma ainda que as instalações do Complexo Penitenciário de Pedrinhas são extremamente lotadas, motivo de grande revolta entre os detentos. A matéria cita uma declaração do Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, afirmando que o Brasil tem um sistema prisional medieval, que viola os direitos humanos e não permite a reintegração social ao cidadão que é detido. Na matéria, ainda foi ressaltado o problema das facções criminosas liderarem a grande maioria dos presídios do Brasil.



Figura 5: Com a crise em Pedrinhas, vários detentos apareciam mortos

No mês de Janeiro, o conteúdo das matérias resumia-se nas consequências da crise, como o caso da menina de seis anos que morreu vítima de queimaduras graves, após bandidos atearem fogo em seu corpo durante os ataques aos ônibus da cidade. Na pressão exercida sobre as autoridades para que o caso fosse solucionado e em reflexões sobre a situação dos presídios do Brasil, além da informação de que o Complexo de Pedrinhas estava entre as seis piores prisões do Brasil.

Dentre as principais, as matérias que saíram não só no jornal *Aqui Maranhão*, mas em quase todos os jornais do estado, informavam sobre a pressão da sociedade para um pronunciamento das autoridades sobre a situação que o estado se encontrava, tiveram maior destaque. Como a que relatava que o Alto Comissariado de Direitos Humanos da ONU e as Organizações Anistia Internacional e HumanRightsWatch divulgaram comunicados oficiais que reprovavam os abusos de direitos humanos praticados em Pedrinhas.

O jornal ainda relata sobre os motins e o caos que ocorria no estado, mas fez também um comparativo ao sistema prisional brasileiro como um todo, apontando os maiores problemas dos complexos penitenciários do país, que em geral são os principais motivos de rebeliões, como os de superlotação, maus tratos, violação dos direitos humanos, e lideranças de facções criminosas.

Durante a cobertura jornalística no período de Outubro de 2013 a Janeiro de 2014, notou-se que o jornal utilizou-se de alguns critérios de noticiabilidade ou valores-notícia, para acompanhar o caso. Mauro Wolf (2003, p. 203) afirma que tais valores são critérios para selecionar os elementos mais importantes, auxiliando os jornalistas a elaborar a matéria ou reportagem final. Além disso, eles funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser enfatizado, o que deve ser omitido, onde dar prioridade na preparação das notícias a serem apresentadas ao público.

Os valores/notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos. (Golding e Elliot apud Wolf: 203).

Os valores notícias de seleção, ou critérios substantivos, identificados nas matérias citadas foram os de morte, o qual Traquina explica (2005, p. 79), que é um dos principais valores-notícia utilizados por jornalistas, pela notoriedade que notícias com esse aspecto causam; relevância, onde é determinado que a noticiabilidade detém a ver com a capacidade do acontecimento ter impacto sobre as pessoas ou sobre o país; notabilidade, onde entende-se que acontecimentos visíveis ou tangíveis tem mais valor-notícia, pelo fato de a cobertura jornalística está mais voltada para acontecimentos do que para problemáticas; inesperado, que são acontecimentos que surpreendem a comunidade jornalística; e o valor-notícia conflitos e controvérsias, o qual o uso da violência representa a quebra do que é normal, a presença da violência fornece mais valor-notícia; O valor-notícia com critério contextual foi o de visualidade, já que elementos visuais, no caso imagens de detentos decapitados, manifestações e etc, somados à informações, dão maior valor-notícia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, que teve como tema a crise carcerária em Pedrinhas, expomos os fatos e explicamos como se deu o processo de noticiabilidade do caso, relatando a reação da população, a criteriabilidade da imprensa para a construção das notícias, o sensacionalismo

sempre presente na divulgação das notícias e a influência que a mídia exerceu quando da pressão para que cessasse a grave onda de criminalidade na capital.

O problema da crise de segurança na cidade gerou várias outras questões que necessitavam de atenção, como a crise carcerária no Brasil, o descaso na assistência dos presidiários, a violação dos direitos humanos, o abandono dos projetos de construções de novos complexos penitenciários, inclusive a reforma do Complexo Penitenciário de Pedrinhas, e principalmente a falta de segurança que a sociedade sofre nos dias atuais.

Antes de utilizar qualquer critério de noticiabilidade, é preciso que o bom senso venha primeiro. Existem diversas maneiras de informar e vender, de reivindicar e manifestar. Todo cuidado é necessário com a rede. Uma vez que qualquer tipo de informação está nela, ninguém mais tem o controle. Grande parte das imagens e informações divulgadas nas redes sociais foi utilizada em matérias e reportagens dos meios de comunicação, exibidos diariamente durante esse período de pesquisa, obrigando assim, que as autoridades se pronunciassem o mais rápido possível, anunciando medidas efetivas para conter a criminalidade em São Luís.

Podemos definir dois lados, um positivo e um negativo, sobre o resultado da crise carcerária. Pelo lado positivo, houve resposta imediata de entidades civis e da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, que classificaram a situação no Complexo Penitenciário de Pedrinhas como gravíssima. A ministra da Secretaria dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, afirmou que era preciso retomar o controle. Ela coordenou uma reunião do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana que tratou da situação em Pedrinhas e propôs que o governo federal deveria estudar a realização de uma intervenção na capital.

Até o final do mês de janeiro, uma série de medidas emergenciais foi providenciada por autoridades estaduais e federais para tentar resolver a crise no estado. O jornal *Aqui Maranhão* informou que, o Ministério da Justiça decidiu que a Força Nacional iria prorrogar até o fim do mês de fevereiro de 2014 a presença de policiais nos presídios maranhenses, que junto com a tropa de choque da polícia militar do estado, iriam tentar garantir a ordem em Pedrinhas. O jornal também noticiou que a polícia ludovicense e o governo federal viabilizaram a transferência de detentos líderes das facções em conflito para presídios federais.

Além disso, a venda de combustíveis em recipientes foi proibida pelo governo do estado, na tentativa de dificultar que criminosos incendiassem mais ônibus em São Luís em retaliação à presença das tropas policiais nos presídios. Também contou como medida

emergencial pelo governo, um investimento de mais de R\$ 130 milhões para a abertura de 2.800 vagas no sistema prisional do Maranhão até o final do ano. A administração de Pedrinhas afirmou que todos os crimes de abuso e violência ocorridos nos presídios seriam investigados. Entidades Internacionais, como a ONU, exigiram que o Brasil tomasse providências para um caos que assola a maioria dos presídios do país.

Pelo lado negativo, quem sabe por quanto tempo vai durar a imagem do horror que o mundo inteiro atrelou à cidade? Por tempo indeterminado, qualquer um poderá ter acesso às barbaridades ocorridas no estado. Que sirva para pensarmos o que de fato queremos ao usar as redes sociais somadas com os dispositivos móveis, de que forma a era da convergência digital pode realmente nos auxiliar, como podemos fazer isso dentro da ética, além de refletir sobre o que o incentivo ao sensacionalismo nos meios de comunicação pode nos causar futuramente.

REFERÊNCIAS

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Ed. Sumus, 1995.

CASTELLS, Manuel e INCE, Martin. **Conversations with Manuel Castells**. Cambridge: Polity Press, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. Rio Grande do Sul: Ed. Unisinos, 2001.

_____. **Teorias do Jornalismo vol. II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.

_____. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera Editores, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.